

SESSÃO 2:

TENDÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E DOS MODELOS DE NEGÓCIOS EM  
PUBLICIDADE

COORDENAÇÃO:

ENEUS TRINDADE E FERNANDA MARTINELLI

LOCAL: PRÉDIO KENNEDY, SALA K617

## COMO A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS PODE AJUDAR A ENTENDER A PROPAGABILIDADE<sup>525</sup>

Maria Lourdes Balbinot De Lamônica FREIRE<sup>526</sup>

Leandro Leonardo BATISTA<sup>527</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

Este artigo busca mostrar caminhos para o diálogo proposto por Henry Jenkins, Joshua Green e Sam Ford em seu livro *Cultura da Conexão* (2014), no qual profissionais da comunicação, estudiosos de mídia e cidadãos criadores de conteúdo, são chamados a discutir e entender o novo modelo híbrido e emergente de circulação de conteúdo. Para tanto, propõe uma aproximação do conceito de propagabilidade às Análises de Redes Sociais, mais especificamente com o artigo *Absence of influential spreaders in rumor dynamics* de Javier Borge-Holthoefer e Yamir Moreno (2012) que estuda a dinâmica de um rumor nas redes sociais e os papéis desempenhados pelos componentes da rede.

**PALAVRAS-CHAVE:** propagabilidade; redes sociais; rumores; comunicação.

### TEXTO DO TRABALHO

Jenkins et. al (2014) em seu livro *Cultura da Conexão*, propõe um diálogo entre estudiosos de mídia, profissionais da comunicação e cidadãos criadores de conteúdo para que possamos entender e discutir como acontece o processo atual de circulação de conteúdos

---

<sup>525</sup> Trabalho apresentado no VII Pró-Pesq PP – Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda. De 18 a 20/05/2016. PUC-Rio.

<sup>526</sup> Doutoranda do PPGCOM da ECA-USP, email: [lugehlen@usp.br](mailto:lugehlen@usp.br)

<sup>527</sup> Orientador do trabalho. Professor do PPGCOM da ECA-USP, email: [leleba@usp.br](mailto:leleba@usp.br)

mediáticos. O autor busca entender e examinar um modelo híbrido e emergente de circulação de conteúdo, no qual se algo não se propaga, está morto (2014, p. 23).

Para tanto, propõem a ideia de *spreadable media* ou em português mídia propagável<sup>528</sup>. Que são essas milhares maneiras diferentes de circulação de conteúdo que observamos hoje em dia, não a configuração clássica de circulação/distribuição – produtos midiáticos de massa como jornal, programas de TV, etc –, mas, como dito anteriormente, esta nova maneira que acontece por meio de e entre muitas e diferentes culturas e meios, principalmente os digitais, nos quais várias forças atuam sobre o material compartilhado de maneira desorganizada e participativa.

Essa mudança – de distribuição para circulação – sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ser imaginadas antes. (JENKINS et al, 2014, p.24)

Para entender a dinâmica que envolvem as decisões dos usuários em compartilhar conteúdos que estão remodelando o cenário midiático, este estudo propõe uma aproximação do conceito de *spreadable media* ou de propagabilidade com as teorias de ARS (Análises das Redes Sociais) que estudam as configurações e dinâmicas das redes, seus principais agentes disseminadores de conteúdos e papéis desempenhados.

## **ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS (ARS)**

As análises clássicas das redes sociais vêm da Sociologia, muito antes de termo se tornar popular pela utilização em sites que as pessoas se encontram para compartilhar conteúdo, como Facebook, Twitter etc. Estes estudos começaram tentando entender a estrutura social em si (WELLMAN, 1983). Após isso, mudaram seu foco e passaram a ver as redes como uma composição de ligações assimétricas amarradas em uma estrutura (1983, p.157). Estudos seguintes, começam a focar padrões dessas ligações que conectam os membros da rede.

*Network analysts search for deep structures – regular network patterns beneath the often complex surface of social systems. They try to describe*

---

<sup>528</sup> Segundo a tradutora, apesar de o termo não representar uma exata equivalência no português, torna mais inteligível para o leitor da língua portuguesa, mandando a ideia de algo que se espalha e repercute nas diversas modalidades de mídia e redes sociais (2014, p.22)

*these patterns and use their descriptions to learn how network structures constrain social behavior and social change. (WELLMAN, 1983p.157)*

Nesta concepção as ligações conectam nós em um sistema social que ligam pessoas, grupos, organizações, *clusters* de laços e de pessoas. *Cluster* seriam os *links* entre vizinhos de um mesmo nó (MAHADEVAN et al, 2005). Entender a dinâmica destes nós e suas configurações na rede, o movimento feito pelos conteúdos, pode auxiliar o entendimento de como este conteúdo se propaga e, da mesma maneira, como para de ser propagado.

## ESTRUTURA DAS REDES

Uma rede, como dito anteriormente, é formada por nós que se conectam em diferentes níveis. Segundo Matheus e Silva (2006) neste tipo de estudo a ênfase é nas ligações entre os nós e não nos atributos dos atores participantes da rede. Neste caso, este artigo se restringirá a explicar as estruturas consideradas pertinentes para o entendimento da discussão proposta, ou seja, um esforço de aproximação da ideia *spreadable media* tentando melhor entendê-lo por meio das Análises das Redes Sociais.

Um nó é um dos pontos de conexão de uma rede. Ele está ligado a outros nós próximos formando uma concha (*k-shell*). O número de links de um nó é chamado de *degree* (KITSAK et al., 2011). A posição de um nó na rede pode ser definida por sua centralidade (*K-coreness*). A centralidade do nó nos diz o quão fundo este nó é, o quanto ele está submerso na rede. É uma medida mais sofisticada da conectividade de um nó do que *degree*, pois um nó pode ter muitas conexões, mas se sua centralidade é pequena pode ser desconectado a qualquer momento removendo seus vizinhos (MAHADEVAN et al, 2005). Estas informações são importantes para entendermos a dinâmica do conteúdo na rede. Estudos de propagação dos rumores nos indicam como o conteúdo se espalha nas redes.

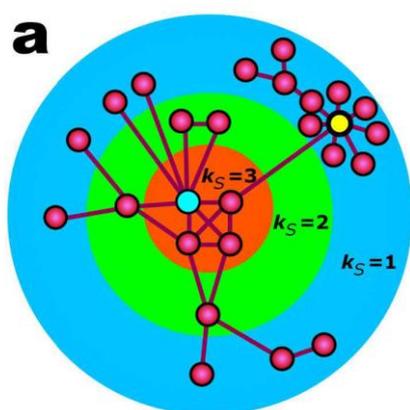


Figura 01: modelo de k-shell (KITSAK et al., 2010)

As estruturas seguem 5 princípios básicos (WELMMAN, 1983, p.172)

- i. Laços (*links*) frequentemente são assimetricamente recíprocos, diferindo em conteúdo e intensidade, ou seja, a ligação entre duas pessoas é normalmente assimétrica na quantidade e no tipo de conteúdos que fluem de uma para outra.
- ii. Laços ligam membros (nós) de uma rede tanto diretamente, quanto indiretamente; portanto devem ser analisados no contexto do tamanho da estrutura da rede. A natureza de um nó é definida pelo tamanho da rede no qual se localiza (*k-shell*), por exemplo amigos próximos se relacionam de maneira diferente nas redes menores e mais densas do que em redes maiores e mais ramificadas (BOLT, 1971, CAULKINS, 1981, FICHER, 1981)
- iii. A estruturação dos laços sociais cria redes não-aleatórias; amigos de amigos têm mais chances de se tornarem amigos do que se tornarem inimigos ou não diretamente ligados (DAVIS, 1970, HOLAND e LEINHARDT, 1977)
- iv. Links cruzados (*cross-linkages*) conectam um *cluster*, bem como indivíduos. Os nós de uma rede não necessariamente precisam ser um indivíduo. Podem ser *clusters*, grupos, nações, empresas etc.
- v. Laços assimétricos e redes complexas distribuem conteúdos escassos diferentemente. A densidade dos *clusters*, seus padrões, as ligações entre *clusters* definem como o conteúdo flui. Dependendo da localização estrutural, membros de uma rede terão acesso diferentes à estas fontes.

### 3. DINÂMICA DE RUMORES NAS REDES

No artigo *Absence of influential spreaders in rumor dynamics*, Javier Borge-Holthoefer e Yamir Moreno (2012) buscam entender e localizar os nós influenciam na dinâmica de um rumor na rede social. Compreender os nós e como o processo de espalhar rumores acontece é fundamental. Os autores citam acontecimentos como “*Indignados*” na Espanha, *Occupy Wall Street* e, posteriormente *Primavera Árabe*, e mostram que nova forma de mobilização social e protesto demandam novos métodos para responder antigas questões sociológicas. O artigo então, busca responder como os protestantes que aderiram a causa compartilham informação e sincronizam sua atividade em escala mundial. O foco foi em várias dinâmicas para entender os nós que são influentes e que compõem a rede. A partir dessa ideia os autores buscaram entender quem são os influenciadores privilegiados na dinâmica dos rumores. Contrário dos resultado encontrados (KITSACK et al, 2010) eles

descobriram que não há influenciadores (*influential spreaders*), mas nós com uma super capacidade de alcance a curta distância.

Nesse estudo, Borge-Holthoefer e Moreno (2012) definem os nós em três categorias: *spreaders*: atualizado e que transmite os conteúdos; ignorantes: não estão atualizados – desconhecem o conteúdo; *stiflers*: sabem, mas não transmitem os conteúdos (2012, p.02). Um *spreader* contata um (ou mais) vizinho. Quando este vizinho é ignorante ele torna-se um novo *spreader*. Um *spreader* se torna um *stifler* em contato com outro *spreader* ou um *stifler* em si.

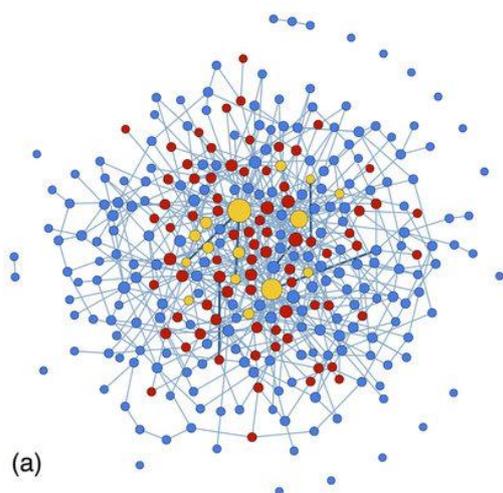


Figura 02: As cores dos nós descrevem seus estados como ignorante (azul), *spreader* (vermelho) e *stifler* (amarelo). (KARSAI, PERRA e VESPIGNANI, 2014).

Quando um *spreader* recebe um rumor de volta, ele mesmo se torna um *stifler*, tornando-se um firewall e parando o rumor. Segundo os autores, a capacidade de espalhar de um nó é a mesma não interessando onde a disseminação começa. A dinâmica do rumor favorece os nós centrais a se tornarem *stiflers* mais rapidamente. No caso dos protestos sociais e políticos, agentes que têm acesso a informações importantes trabalham filtrando as informações passadas, ora trabalhando como firewall, ora trabalhando como um catalizador, coordenado e sincronizando a ação coletiva.

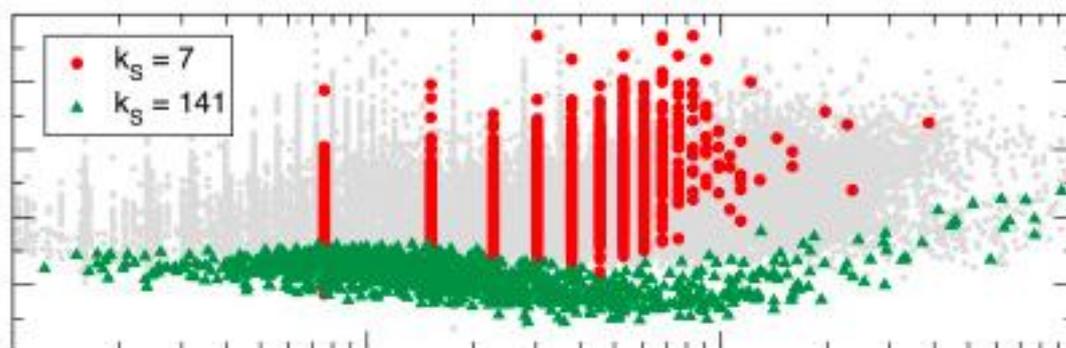


Figura 03: *Spreaders* mais centralizados agindo como firewalls e parando o rumor. (BORGE-HOLTHOEFER, J. e MORENO, Y., 2012)

Dito isso, retomamos a discussão de Jenkins et al. (2014), para ele a ideia de mídia propagável livra-se das metáforas de contaminação e infecção. O estudo de Borge-Holthoefer e Moreno (2012) mostra justamente que a dinâmica do rumor, difere da ideia pura de contaminação e pode colaborar para entendermos melhor essas dinâmicas.

#### 4. PROPAGABILIDADE E AS DINÂMICAS DAS REDES

Segundo Jenkins et al.(2014), são as decisões dos usuários em compartilhar o conteúdo que estão remodelando o cenário midiático. Para tanto, o autor propõe algumas reflexões. A primeira delas é a mudança de distribuição por circulação (2014, p.24) argumentando que não são indivíduos isolados, mas integrantes de comunidades mais amplas que participam deste processo. Essa troca seria propiciada pela ideia de uma cultura participativa que seriam os “papéis que as comunidades ligadas em rede desempenham na configuração de como circulam as mídias” (JENKINS, 1992. p.25). Ao analisarmos as redes pelas dinâmicas estruturais, vemos que não apenas os papéis, mas a localização do nó em uma rede, a composição de seu *cluster* (*k-shell*) e a maneira como interage, propiciam um poder maior ou menor na inicialização ou participação deste nó ou *cluster* em um processo de circulação de conteúdo.

*people are connected according to the way they interact with each other in society and the large heterogeneity of the resulting network greatly determines the efficiency and speed of spreading.* (KITSACK, 2010)

Jenkins propõe um enfoque na lógica social e na prática cultural que favorecem e popularizam novas plataformas. Sob esta lógica propagabilidade é o potencial técnico e cultural de os públicos compartilharem um conteúdo (autorizados ou não), por motivos próprios. Isso demonstra que não podemos prescindir da técnica ou do conhecimento de sua estrutura para melhor entendermos essas dinâmicas.

A ideia de propagabilidade surge de acordo com o desenho dos membros da audiência e das conexões culturais entre os indivíduos. Novamente o papel empenhado como um *spreader* pode ser pensado como o individuo mais influente e centralizado socialmente que, como mostra o estudo Borge-Holthoefer e Moreno (2012) trabalham mediando as ações, filtrando (*firewall*), coordenando e sincronizando a circulação de conteúdo. Ao ser mais centralizado, mais conhecimento e acesso tem aos conteúdos relevantes. Vale ressaltar que a dinâmica de rumores acontece de maneira diferente da dinâmica de uma epidemia. Essa foi a grande colaboração do artigo, pois diferente do mostrado em estudos de epidemia anteriores

(KITSACK et al, 2010) inicialmente, a dinâmica de rumores não age passando de um para o outro como uma epidemia, a ação dos indivíduos, seu conhecimento do conteúdo, o grau de interação deste indivíduo com conteúdo, sua centralidade na rede (*k-coreness*) faz com que, uma vez que o indivíduo já tenha sido *spreader* ele se torne um *stifler*, trabalhando como *firewall* e freando o rumor. Já no caso da epidemia, as pessoas vão contaminando uma a outra.

Para Jenkins (2014), é relevante entender quem manda, quem recebe e principalmente que mensagens foram enviadas, ou seja, *spreaders*, ignorantes e *stiflers*. Sua posição e papel na rede atua diretamente sobre o conteúdo e sua circulação. Se cada papel desempenhado determina o desenho da circulação dos conteúdos, a maneira como se espalha, conhecer os nós e clusters, sua centralidade, a potencialidade de seu papel, sua localização e a dinâmica dos eventos e rumores que se propagam, é fundamental para entendermos as novas dinâmicas sociais e culturais de comunicação que mediam as relações nas sociedades contemporâneas. Pois

Na medida em que a propagabilidade se torna um atributo do cenário da mídia contemporânea, ela tem o potencial de remodelar dramaticamente a maneira como operam as instituições culturais e políticas centrais (JENKINS, 2014, p. 73)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, buscou fazer uma aproximação entre a ideia de propagabilidade dos autores Henry Jenkins, Joshua Green e Sam Ford (2014) e os estudos de Análises de Redes Sociais, utilizando-se dos conceitos de *spreader*, ignorantes e *stiflers* (Borge-Holthoefer e Moreno, 2012), na perspectiva de que se complementam e podem se favorecer para termos um melhor entendimento das dinâmicas de circulação de conteúdo em rede e como elas afetam as relações sociais. Esta proposta, abre caminho, para estudos aprofundados desta dinâmica que colaborariam no entendimento do processo de circulação de conteúdos na rede. Pesquisas futuras com programas de dados de simulam ambientes de rede, por exemplo Gephi, podem nos trazer novos e significantes resultados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLT, E. *Family and Social Network*. 2ed. Londres: Tavistock, 1971.

CAULKINS, D. *Community, Centrality and Interorganizational Networks: lost saved and liberated models*. Sunbelt Social Network Conference. Tampa, 1981.

DAVIS, J. *Clustering and Structural Balance in Graphs in Human Relations* 20, 1970. P.181-187

FICHER, C. *To Dwell Among Friends: Personal Network in Town and City*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

HOLAND, P. e LEINHARDT, S. *Transitivity in Structural Models of Small Groups* in Samuel Leinhardt (Ed.), **Social Networks: a developing paradigm**. New York: Academic Press, 1977.

BORGE-HOLTHOEFER, J. e MORENO, Y. *Absence of influential spreaders in rumor dynamics* in Physical Review E. 85 (2012)

JENKINS, H. GREEN, J. e FORD, S. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Tradução Patrícia Arnauld. São Paulo: Aleph, 2014.

KARSAI, M., PERRA, N. E VESPIGNANI, A. *Time varying networks and the weakness of strong ties* in Scientific Reports 4, Article number: 4001 (2014)

KITSAK et al., *Identification of influential spreaders in complex networks* in Nature Physics 6, p.888-893 (2010).

MAHADEVAN et al, *Lessons from Three Views of the Internet Topology* in Computer Science: Networking and Internet Architecture (2005) disponível em <http://arxiv.org/abs/cs/0508033v1>

MATHEUS, R. e SILVA, A. **Análise de redes sociais como método para a Ciência da Informação** in DataGramaZero. Revista de Ciência da Informação. v.7 n.2 (2006)

WELLMAN, B. *Network Analysis: Some basic principles* in Sociological Theory, Vol.1. p.155-200 (1983).